

1544
AVULSO
1.20 ESC.

ANO II—N.º 92
18
FEVEREIRO
1943



Laura Alves

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

01544
-0. NOV. 1990





CARLOS FERRÃO

Jornalista distinto e de sólida cultura, dos profissionais que mais honram a Imprensa, é hoje o nosso cronista da vida internacional melhor documentado e de produção mais vasta. Toda a sua obra de comentário e análise, tanto no livro como no jornal, é séria e profunda. O seu novo livro «Os americanos no Norte de África», que se publicou há dias, é um dos melhores livros sobre a guerra que se têm editado em Portugal.



ENGENHEIRO GONÇALO CABRAL

Novo presidente da Ordem dos Engenheiros, Ao escolhê-lo para o desempenho dessa alta função, a classe quis dar-lhe, sem dúvida, uma prova do aprêço em que tem as suas qualidades de homem inteligente e de técnico competentíssimo.



JOSÉ DE LIMA FRANCO

Tendo feito com brilhantismo todo o curso de Belas Artes, acaba de obter o diploma de arquitecto com a alta classificação de 16 valores, o que atesta o seu valor e constitui uma promessa brilhante para a sua futura obra de artista.

AQUI entre Nós



DR. JORGE DE FARIA

Um dos valores do nosso jornalismo e crítico teatral de reconhecida autoridade, acaba de ser nomeado sub-director da secção de teatro do Conservatório, onde já vinha exercendo as funções de professor.



DR. MARQUES GUEDES

Distinto economista, professor e antigo ministro das Finanças, foi há dias eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.



ARMANDO FERREIRA

O nosso escritor humorístico mais popular da actualidade, Com uma obra no género já vasta e valiosa, o seu novo livro «Sorte Grande» tem constituído, como todos os outros da sua colecção, um autêntico êxito de livreria.



ASSIS PACHECO

Actor distintíssimo, sem favor uma das grandes figuras actuais da cena portuguesa, foi nomeado agora professor da 2.ª disciplina (Arte de dizer) da secção de teatro do Conservatório.

Inventário & Balanço

ATENÇÃO AS CRIANÇAS!

VEIO nos jornais a notícia de que a polícia de Évora surpreendeu e prendeu um menor de 9 anos que se dedicava ao curandeirismo. É evidente que o menor só podia ser agente de tris práticas, com certeza mediante encomenda de alguém com mais «sabedorias» do que as que podem presumir-se numa criança de 9 anos. Por isso, foram presos também os pais, a quem não seria difícil atribuir a autoria das tais curandeirices. Há aqui duas coisas: uma — o próprio charlatanismo em si, que vive desafogadamente sem ralação das periódicas perseguições policiais, pois que estas se traduzem em multas, de montante facilmente recuperável pelos condenados, que se limitam a incluir as respectivas verbas na sua conta de ganhos e perdas, tomando logo a prevenção fácil de «escaldar» bem os próximos «clientes» para se ressarcir do dano; outra coisa é a própria exploração de crianças, tantas vezes industrializadas em hábitos que só podem vir a ser havidos como reprováveis, mas que constituem de momento uma fonte de proventos. O remédio, está claro, é o de libertar as crianças da influência de quem se não mostra apto para as orientar no caminho do trabalho e da honra. Mas importa, igualmente, assegurar aos pais o conjunto de possibilidades que os habilitem a ter obrigação de dar aos filhos êsse caminho. E, depois disso — já sem a desculpa das necessidades, que umas vezes é real, outras apenas pretexto — reclamar d'elles a responsabilidade total. Como havemos, realmente, de reclamar uma sociedade perfeita sem as garantias precisas para a sua formação? A obra, mais uma vez, não é revolucionária: há-de ser produto de uma evolução.

A CRUZ VERMELHA

A Cruz Vermelha Portuguesa completou os seus 78 anos de existência e meritória actividade. Pode dizer-se que, em tempos normais, quando tudo corre tranquilamente, chega a pensar-se interrogativamente para que serve tal ou tal instituição, como quem desdenhe do labor dos bombeiros se adrega de os ver reluzir em estrondante e luzida parada. Mas quando vem o fogo... Quando vem o fogo é que todos se dão conta dos altos serviços que prestam os bombeiros — e a Cruz Vermelha... É o caso de agora, com a guerra. A acção da Cruz Vermelha Internacional, no socorro aos homens de todas as raças e de todos os países sofrendo as dores da guerra, é de uma evidência que não carece de ser encomiada: cada um a vê bem patente. No caso especial da secção portuguesa daquele organismo, a posição de neutralidade do país dá-lhe possibilidades de acção que se multiplicam em valor. Lisboa, com efeito, é hoje um grande entreposto, uma grande central da tarefa de bem fazer. Quantos, por êsse mundo fora, sabem que é por aqui que hão-de passar as mensagens carinhosas que as famílias, de longe, se esforçam por lhes fazer chegar às mãos!

PRIMAVERA À PORTA

UM inverno excepcionalmente tépido está a despedir-se com dias que podem ter-se como primeira mensagem primavera. Podemos ainda contar com dias de chuva, dias negros e úmidos, ventosos, incertos. Mas não será já a invernia dolorosa que êste ano não vimos em Dezembro nem em Janeiro. É outra coisa. É uma atracção de vida nova a revelar-se. A estação quente é felicidade dos pobres — e até o sol é meio alimento para aquêles que nenhum consolo têm da vida. «Claro sol amigo dos heróis» — chamava-lhe Antero. Os heróis ficam em boa companhia partilhando-o com os velhos e as crianças.

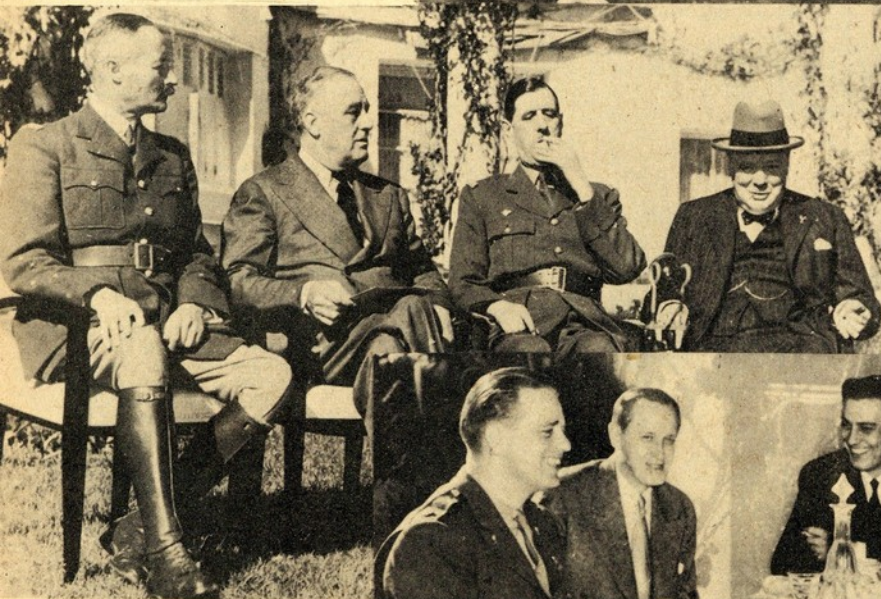




A Histórica Conferência de Casablanca

Algumas fotos inéditas da Conferência de Casablanca — encontro histórico em que Churchill e Roosevelt decidiram os planos da guerra em 1943 e que poderá, talvez, decidir dos próprios destinos do mundo.

Na foto de cima: Os dois homens de Estado tendo atrás de si, em segundo plano, os chefes militares dos seus países: almirante King, general Marshall, almirante Dudley Pound, marechal do ar Portal e general Alan Brooke. À direita o Presidente dos Estados Unidos passando, de automóvel, revista às tropas americanas na África e a assistindo a um desfile de «tanks».



À ESQUERDA: O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e o Presidente dos Estados Unidos, acompanhados do general Girard e do general De Gaulle, os dois chefes militares da França que lutam contra a Alemanha e a Itália.

Roosevelt, na «vila» de Casablanca onde se hospedou, conversa com os seus dois filhos, que fazem parte do exército americano, Elliot e Franklin, e com Harry Hopkins, seu colaborador pessoal dos mais dedicados.



panorama internacional

Os Vóos de Churchill

por Francisco Velloso

JÀ transcorrerem dias sobre a conferência de Casablanca e sobre o discurso de Goering, quando — verificada a impossibilidade de, contra nosso desejo, publicarmos em sua data própria as notas da última crónica que vêm de ser lidas — agora as continuamos, em registo dos acontecimentos que logo se lhe seguiram, quasi em linha recta.

Da África do Sul chegava, como eco daquela conferência, uma opinião do marechal Smuts. Ao apresentar ao parlamento do Cabo o projecto de lei autorizando, conforme decisão tomada no começo da guerra, as tropas da União a baterem-se fora do continente (e como ressaltava desta condição o espírito novo da grande nação tão ciosamente africana como os americanos o são na América), o marechal emitiu algumas previsões. Em sua boca, todas são dignas de observar-se. Podê prever-se — disse — a expulsão próxima e completa das forças do Eixo no norte de África. Churchill dirá, alguns dias depois, no Cairo, como veremos, que na Tunísia são de esperar combates muito violentos, mas não lhes fixou prazo: tanto dentro de meses como de se-

manas. O marechal foi, porém, mais adiante, ao dizer que as tropas da União, de tão singular bravura, serão enviadas para «teatros vizinhos, muito próximos do continente africano, onde se travarão combates e onde a guerra pode muito bem ser terminada». No entanto, o mesmo homem de Estado foi acrescentando como premonição, que a guerra não acabará no ano corrente, embora hajamos de ver durante ele rudes e difíceis choques de forças.

Dir-se-ia (e é bem possível que ele soubesse a decisão de reunir a conferência, preparada desde Dezembro) serem estas palavras do marechal uma rubrica das resoluções ali tomadas. Recorde-se como a sua presença e acção em Londres, no outono do ano passado, foi factor indispensável para que se saísse, finalmente, de inabaláveis disputas, de retardamentos funestos e dessa misteriosa rede de travões às rodas de trás que, de súbito, em horas decisivas, operam sobre o carro complexo das Nações Unidas, excluído, por evidente contraste, o que se tem passado na frente leste...

Vá de juntar, desde já, a isto, como documentário, que na África do Norte não têm corrido operações de vulto.

O 8.º exército passara em Zuara, o último porto da Tripolitânia, no dia 29, e a 4 de Fevereiro corrente parecia defrontar-se com a linha

Maret, onde consta que Rommel irá tentar resistência. Uma notícia dava suas avançadas a penetrarem na Tunísia, mas por onde, se aquela linha veda a passagem? Queria dizer-se que esta seria contornada e desbordada pelo sul, onde, na extrema ponta do Protectorado, atravessando o caminho das caravanas do deserto, as colunas do general gaulista Leclerc se juntavam às do general Juin, sob o alto comando de Giraud?

Para o norte, até Tunes e Bizerta, contava Ned Russell no «News Chronicle» de 2, a frente decorre pelas alturas das colinas que comanham os acessos do litoral. Essas colinas são ocupadas pelos alemães, sobretudo as que defendem aquelas duas grandes bases navais, e para os desalojar será necessário grande vigor e custo. No principio do mês, von Arnim fez surtidas entre Pont du Fals e Kairnan contra núcleos franco-americanos do 1.º exército. A requeira de fogo estendeu-se de pontos mais para o sul. Sucesso nuns sitios, recuos noutros, de uma, e outra banda não se apontaram modificações. Uma voz de que rebentara a ofensiva aliada, não se confirmou para além da informação da chegada de novos reforços, entre os

quais se contam armamentos para o exército francês, de cerca de 250 mil homens que Giraud, em pleno acôrdo com os planos dos altos comandos anglo-americanos reunidos em Argel, com ele e Nogués, depois da conferência de Casablanca, anda a levantar afanosamente.

O que havia no dia 5, era a revolução feita pelo marechal do ar inglês, Douglas, do Médio Oriente, de que se intensificava de cada vez mais a acção ofensiva da aviação aliada entre as bases do Golfo de Sirte (Benghazi e outras) e a Sicilia, cortando caminho aos abastecimentos que das centrais do Eixo são enviados aos seus derradeiros exércitos africanos pelo estreito, e que em parte apreciável, apesar de tudo, lhes têm chegado. Isto, porém, não serão mais do que prolegómenos do que anunciou o marechal Smuts.

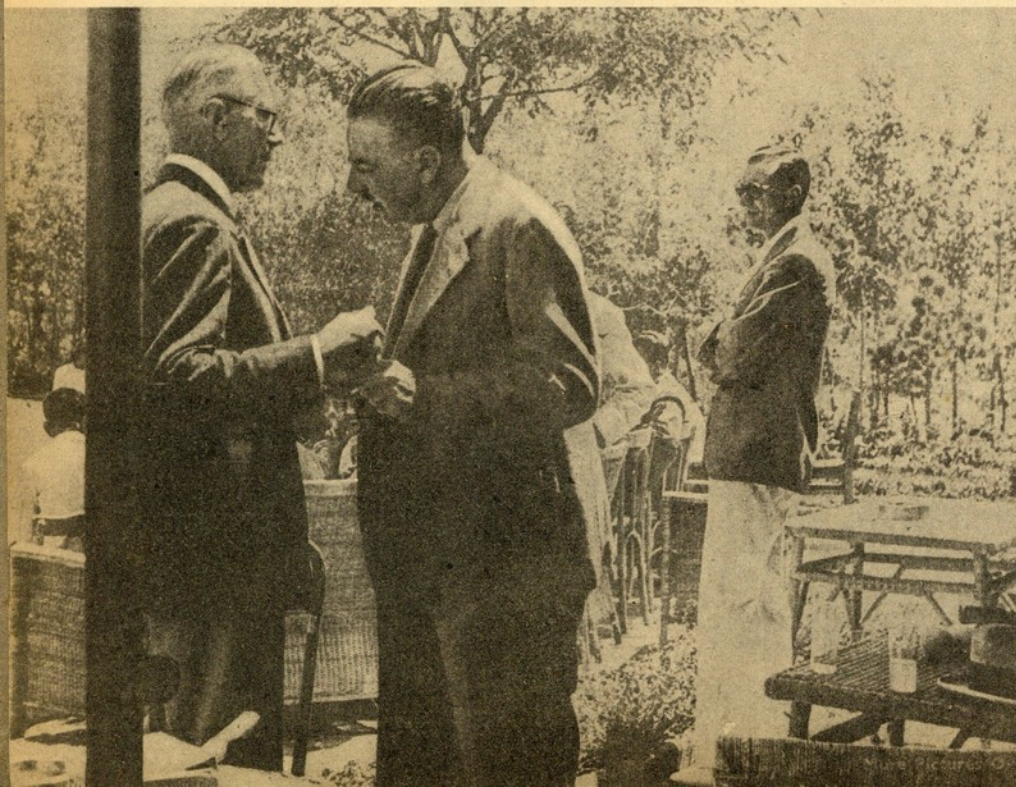
E CONTINUA

Não nos afastaremos, entretanto, destas paragens, sem que fixemos mais uns pormenores notáveis da crise de relações que afecta a unidade francesa, para que o leitor actualize o atrás dito. Nas duas posições que respectivamente occupam, De Gaulle e Giraud, felizmente já em contacto, são polos da mesma pilha, mas esta ainda não funciona bem.

O alto commissário fez, no dia 1, declarações assás interessantes a um jornal londrino, o já citado «News Chronicle». Satisdando De Gaulle, e com razão, como «o único francês que durante dois anos exprimiu a voz da França», e que acaba de receber a valiosa adesão do antigo embaixador na Turquia, Massigli, fugido da zona outrora livre. Giraud, com não menor fundamento, advertiu de que justo não é usar pejorativamente, como há pouco o fez o chefe da França combatente, do epíteto de «homem de Vichy», pois há-de distinguir-se entre os administradores e soldados que a África do Norte não dispensa e lá serviram sempre a nação, tais como os Nogués, os Chatel, os Bergeret, os Boisson, os Juin, e junte-se-lhes Weygand, Catroux e Gentilhomme e, agora, Peyrouton, e os servidores das colaborações com a Alemanha, como Laval. «Há pessoas dignas e de bem — disse, e muito bem, o general — que trabalharam sob as ordens do Governo de Vichy, e é loucura chamar-lhes homens de Vichy simplesmente porque prestaram serviços naquele regime».

Outros pormenores curiosos. Quando, no dia 3, um telegrama de Argel proclamou que, reunido o conselho em Argel, deste saíra já completo acôrdo com De Gaulle, a

O embaixador da Alemanha, von Papen, em conversa com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia



agência londrina da França combatente acudiu a desmentir que tal acôrdo exista. E Massigli, ouvido por jornalistas da capital inglesa, sabia dizer que «cada dia de atraso dos Aliados, em tomarem a iniciativa militar, aumenta os sofrimentos do povo francês», embora De Gaulle continue sendo para os patriotas franceses símbolo e tópo da resistência, não compreendendo eles a existência de dois grupos. Esta divisão é, porém, uma fatalidade que só o sacrifício corajoso pode destruir nas linhas de fogo. Acaso Juin não juntou as suas tropas às de Leclerc? Em Casablanca, somente se reconheceu essa divisão. E a franceses que compete apagá-la, a bem dessa França bem digna de dedicações e resgates individuais e colectivos, e que Laval, diante da obra dos seus esforços, agora acaba de confessar, em plena ocupação alemã, que está «sem exército, sem armada, sem colónias e sem dinheiros».

NO SUESTE EUROPEU

Levaram Churchill e Roosevelt estas certezas, quando se despediram em Casablanca. O presidente dos Estados Unidos desceu à África Equatorial e voou pelo Brasil para Washington. Churchill, de repente, apareceu num cruzamento ferroviário da linha que liga Alexandria a Ankara. Os vitoriosos setenta do grande estadista inglês assombra. Aquela energia da velha cêpa britânica não pára nunca. De combinação com Roosevelt, pediu ao presidente da República Turca uma conferência que, atenta a posição desta potência como neutralmente activa ou não beligerante, melhor se realizaria fóra do território nacional. Ismet Inonu, que andava em inspecções e visitas, convidou Churchill a encontrar-se com êle em Ankara ou noutra parte dentro de fronteiras.

Assim se efectuou a conferência de Adana, que tal é o nome do lugar.

Não só a presença de Winston Churchill e do grande general turco, como também a do chefe do Governo turco, Sarad Jöglu, e do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Menemen Jöglu, e a de sir Cadoğan, subsecretário permanente do Foreign Office, e bem assim a de altos chefes militares dos dois países, deram logo extraordinária importância à conferência.

Resultou dela um acôrdo que, seguindo a letra do respectivo comunicado, versou sobre «a maneira como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha poderiam auxiliar materialmente a Turquia para consolidar a sua própria segurança geral defensiva. Dias depois, no Cairo, o Primeiro Ministro obtemperava que a conferência havia afastado completamente o perigo da Turquia ser invadida pelo norte, isto é, pela Bulgária e pela Trácia. E acrescentou frisantemente: «Entretanto, no outro flanco, por onde o inimigo poderia atacar-nos, as vitórias prodigiosas dos exércitos dos russos modificaram completamente a situação que tínhamos sido forçados a encarar como uma possibilidade, para a qual nos devíamos preparar. Organizámos o 10.º exército na Pérsia e no Irak, sob o comando do general Maitland Wilson, a fim de estarmos prontos para a hipótese do inimigo atacar do norte. Esta hipótese foi posta de parte, graças aos feitos de armas dos nossos aliados russos».

Mas, acaso, êsse estudo de garantias à defesa turca, mórmente se as vitórias russas a desembaraçaram do perigo de um ataque pelo norte, bastou a justificar o encontro de



No Estádio de Ankara, o corpo diplomático assiste às finais do campeonato de tennis. No palanque à direita da árvore, o Primeiro Ministro Sarajoglu conversa com o Embaixador dos Estados Unidos. No primeiro plano, de escuro, o ministro português na Turquia, dr. Francisco Calheiros.

Adana? Ou reportar-se-iam os negociadores civis e militares do acôrdo, não à actual situação, mas a outra futura e quiçá próxima? A alusão às regiões convizinhas da Turquia em que ela «é directamente interessada», feita no comunicado, tanto nos pode levar à Síria e aos países árabes do Próximo Oriente, como às suas retaguardas do Iraque e da Pérsia, como às zonas continentais do sul e às insulares da Grécia, como à própria península balcânica até ao Danúbio onde a Turquia, em concorrência histórica com a Rússia, já mais desistiu de guardar influência, à testa das coalisões políticas criadas desde a Conferência de Lausana entre os Estados dos Bancans, agrupamentos a que a Bulgária, ora sob a pressão russa, ora sob a alemã, nunca entrou, ao menos de vontade.

Se um dia os Aliados, como se denuncia em Berlim, (e por isso mesmo talvez apareceu há dias o marechal von Manstein, conquistador de Sebastopol, em Sofia) tentassem desde Chipre o assalto à Grécia, utilizando as ilhas de Dodecaneso como poldras, é bem de ver o valor que para êles teria a muralha turca no Bósforo. Mas, também, nesse caso, um incidente não arrojaria o valente soldado turco para o norte e fora das famosas linhas de Tchataldja que cobrem a Anatólia como a cintura de um campo entrincheirado? Um dia os interesses eslavos de que a Rússia se constitui secular protectora, não podiam despertar?

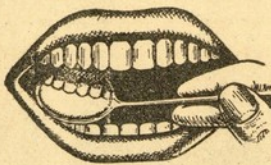
O PREÇO DUMA NEUTRALIDADE

A estas interrogações há factos positivos e comentários já escritos que devem ser imediatamente ponderados. O embaixador alemão von Papen conversou logo a seguir à conferência com o chanceler turco e pouco se demorou a afixar as malas e partir para Berlim. Êle não ignora as preocupações permanentes em Ankara com as aglomerações de tropas búlgaras às suas portas. Por outro lado, de Ankara, no dia 4, dizia-se claramente que em resultado da Conferência de Adana, se esperam acontecimentos

nas relações russo-turcas. O interesse da Turquia no sueste europeu, notava o «Times», é, pelo menos, igual ao da Grã-Bretanha, e acrescentava intencionalmente: «É útil sublinhar que Moscovo aprovou o desejo de Churchill se encontrar com os dirigentes da Turquia e que Estaline foi mantido ao corrente dos resultados do encontro», sublinhando implicitamente que

Gengivas sãs

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, uma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara facilmente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

IAS FARMACIAS E DROGARIAS

recorda as recentes tentativas de reatamento de amistosas relações russo-turcas, sob a patrocinadora garantia de Londres e Washington.

O embaixador inglês Knatchbull Huguessen conferenciou, logo após a conferência, com o embaixador russo Vinogradov, e nesse mesmo dia em que nos meios diplomáticos da capital turca se asseverava que Churchill trouxera a Inonu formais garantias de Estaline sobre a atitude russa, depois da guerra; o mesmo diplomata garantia que a Inglaterra não solicitou da Turquia a sua beligerância. Não precisava mesmo de fazer o que só os acontecimentos hão-de ditar. O jornal «Yenishah» e o locutor da rádio de Ankara coincidiam em afirmar que «a Conferência de Ankara terá lugar mais importante na história da guerra e da paz nos dias que hão-de vir».

E não é, por isto mesmo, menos significativo o que o jornal «Tan» escrevia em artigo de fundo: «Desde que os exércitos russos não passem as suas fronteiras e não tentenem penetrar na Europa para espalhar o bolchevismo pelo mundo, não pode haver questão da Europa ser ameaçada nem necessidade para os países europeus se unirem contra essa ameaça».

Todo o segredo da Conferência de Adana deve passar nestes meridianos, entre as hipóteses verificáveis nas ofensivas aliadas talhadas em Casablanca que incidam pelo Mediterrâneo oriental e suas margens, e as repercussões futuras da evolução da guerra. É muito natural que a Turquia, protegendo a Síria e o Próximo e Médio Oriente, deseje saber por quanto se paga na política europeia a sua ativa neutralidade diante da guerra, e sobretudo diante de Berlim, — já que Hitler nos meados de 1941, antes quis ir sangrar na Rússia, do que ordenar, depois da conquista da Grécia, a von List que abrisse, com as suas divisões blindadas o caminho para atacar o Egipto através do Médio Oriente. E isto também o está a pagar a Alemanha.

6-2-1943.

7 dias de 7 Cinema

por Fernando Fragoço

O filme mais notável e mais sensacional da última quinzena não veio anunciado nos jornais, não mereceu umas linhas de referência nas críticas dos nossos diários — e passou anonimamente, sem que alguém se lembrasse de chamar para ele a atenção das multidões. E, no entanto, esse filme suportava todos os louvores, justificava todos os entusiasmos, correspondia a todos os adjectivos encomiásticos com que é de uso enfeitar as produções apresentadas. Reiro-me ao sensacionalíssimo documentário da batalha aéreo-naval do Pacífico, documentário tomado de bordo do porta-aviões americano, alvo n.º 1 dos ataques impressionantes dos aviões nipónicos.

Temos visto muitas imagens de guerra. Temos admirado muitas demonstrações do sangue-frio, dos «caçadores de imagens», através dos documentos que nos apresentaram. Mas nunca vimos reportagem mais vibrante, mais completa e mais realista do que a desta batalha, travada por poderosas unidades, nas águas do Oceano que só por ironia se chama Pacífico...

Uma das grandes injustiças do cinema é a do anonimato dos operadores de actualidades. Os homens que arriscam a vida para nos dar a visão dos acontecimentos que se passam nas cinco partidas do mundo; esses heróis que participam nas batalhas tendo como única arma a câmara de filmar — e que morrem, como torçdos, no braseiro da guerra — esses homens, dizíamos, não têm o direito de assinar a reportagem que, por vezes pagaram com o tributo do seu sangue. Contra esta injustiça, se ergueu, há dias, o «Kinematographiweekiy», de Londres, ao publicar, simultaneamente, a lista dos operadores mortos e prisioneiros e bem assim aqueles outros, ainda em plena actividade, que desembarcaram com os «comandos» em Dieppe, acompanharam a corrida do exército de Montgomery sobre as areias escaldantes do deserto; e fizeram o «raid» a Loifoten. Participando nos perigos comuns, em expedições arriscadíssimas, com a desvantagem de não terem uma arma para a defesa — estes homens, com a sua abnegação e espírito de sacrifício, deram ao mundo a visão da catástrofe horrorosa do mundo em guerra.

Do lado alemão — o mesmo se verifica. Com a diferença de que os «camarões» fazem parte integrante do exército, nas organizações P. K. Uma estatística recente, dizia-nos que, nos areais da Líbia e nas estepes geladas da Rússia, dezenas de cineastas pagaram com a vida a sua dedicação profissional. «O cinema é a arma mais forte» —

na legenda lapidar de Mussolini. A Alemanha assim o entendeu, ao ponto de integrar os operadores nos quadros militares. Do alcance da medida, falam os seus primeiros filmes de actualidades — aos quais Churchill se referiu em plena Câmara dos Comuns.

* * *

O documentário da batalha aéreo-naval do Pacífico ficará como um dos grandes momentos das actualidades de todos os tempos, ao lado da reportagem do assassinio do Rei Alexandre, do incêndio do «Graf Zeppelin», da explosão do Alcazar de Toledo, etc.

O operador, instalado na torre do porta-aviões, assestou a sua máquina sobre a vasta pista de aterragem. Assistimos, deste modo, ao alarme a bordo, à barragem anti-aérea, à queda dos aviões atacantes, ao inferno de fogo e de metralha que protege o navio do assalto ousado dos aviões-torpedeiros nipónicos. Os pilotos-suicidas, porém, não se deixam intimidar. Uma bomba primeiro, outra depois, atingem o alvo... O navio estremece até à super-estrutura... A câmara recolhe a imagem impressionante do deflagrar dos torpedos... E quando a nuvem de fumo se dissipa, vemos os homens das brigadas contra incêndios procurar extinguir as chamas, que lavram a bordo... Mas subitamente, olham o céu... Aterrorizados, fogem de novo... O inimigo aproxima-se... Outra bomba acerta em cheio... Um avião que se encontra, a distância, pousado num dos extre-

mes da pista, é arremessado à água, com a deslocação do ar, como se fosse um brinquedo de papel... A câmara continua a rodar, sem mudar de plano, afastando toda a hipótese de trucaagem... As chamas a bordo são já alterosas. Instalam-se mangueiras e apaga-se o incêndio. A tripulação é incansável e não sabemos que mais admirar, se a audácia dos atacantes ou a calma exemplar que reina a bordo... O perigo, por fim, parece afastado. Há que reparar a pista de aterragem, com grandes chapas de ferro, para que os aviões americanos, que andam no ar, possam recolher a bordo... E o navio, com o andamento reduzido, por força das avarias sofridas, comunica à sua escolta «que continua a navegar e se encontra ainda em condições de combater».

* * *

Foi o malgrado Van Dike — recentemente falecido em Hollywood — o primeiro cineasta que defendeu a tese de que Greta Garbo era tão boa artista, na comédia como no drama. «Ninotchka» havia de provar quanta razão lhe assistia — e a tal ponto que a famosa vedeta sueca, depois duma comédia fez outra comédia, e o êxito que alcançou parece suficiente para que continuemos a vê-la em filmes alegres.

«A Mulher de Duas Caras» é, acima de tudo, o triunfo completo e indiscutível do talento de Greta Garbo. A sua personalidade, inconfundível, actua sobre o espectador com um poder de sugestão de tal modo absorvente, que os restantes elementos do espectáculo se diluem nas meias tintas dum pano de fundo. Na comédia ou no drama, esta mu-

lher prodigiosa vale só por si. E é por isso que o público vai ver todoss os seus filmes, quer sejam bons ou maus, porque há sempre uma coisa a impo-los — a interpretação da Divina. «A Mulher das Duas Caras» demonstra, com eloquência, a verdade destas considerações. Sem Greta Garbo, seria uma comédia banal. Com a vedeta sueca — resulta num filme cheio de interesse.

Garbo, desta vez, anda de «ski», dança a «chica-choca», aparece em fato de banho e nada numa piscinal. De todas estas situações, que poderiam comprometê-la, ela «sai» com uma «altura» incomparável. A própria plástica não a atraiçoa, quando surge velada apenas pelo manto diáfano de quatro palmos de «laxtex»... Na «sequência» do cabaré — a melhor do filme — ela é «grande», quer quando improvisa a dança com o bailarino profissional, quer ainda quando, perante o marido, se faz passar por uma irmã gémea da mulher, uma irmã leviana, atrevida, perigosamente mulher...


A justificar o êxito do filme — o sabor da história! Paris tã-la-ia contado com a sua proverbial malícia. A América relatou-a com o evidente receio de despertar os pudibundos «oh, shocking!...».

Mas o filme, dissemos — é Greta Garbo. E ela chega e sobeja, para fazer de «A Mulher de Duas Caras» um espectáculo que satisfaz gregos e troianos — os estetas que buscam uma satisfação artística e aqueles que pedem ao cinema, apenas duas horas de alegre e despreocupada distração...

(Continua na pág. 23)



Greta Garbo e Melvyn Douglas — ou o amor a 90.º de latitude norte

A black and white photograph of Ginger Rogers. She is wearing a light-colored, strapless dress with a dark fur collar and a matching fur stole draped over her shoulders. She is adorned with a long necklace, a bracelet on her right wrist, and a large ring on her left hand. Her hair is styled in a classic Hollywood fashion, and she has a serious expression.

Ginger Rogers, a loira mais célebre de Hollywood. Um romance de amor veio dar agora actualidade plena ao seu nome e à sua figura. A grande «estrela» do firmamento cinematográfico da América acaba de casar-se novamente. Desta feita, porém, com um simples fusileiro naval chamado Jack Briggs — ela que com a celebridade da sua arte e a alegria do seu sorriso seria capaz de conquistar o coração dos homens mais ricos do mundo...

RUMORES DO MUNDO



ROOSEVELT

Será provável nova reeleição de Roosevelt como Presidente dos Estados Unidos em 1944? Qual a individualidade que parece reunir maior soma de qualidades para rivalizar com o actual Presidente?

Enquanto o primeiro-ministro Churchill parece firmar-se cada vez mais na direcção dos destinos da Grã-Bretanha, por tempo indeterminado, Roosevelt vê aproximar-se o momento das novas eleições presidenciais. No entanto, tudo leva a crer que o chefe americano proporrá novamente a sua candidatura, quando chegar a altura devida.

A eleição de Frank C. Walker, velho amigo de Roosevelt, para a chefia do partido democrático, confirma esta opinião. Até mesmo entre os republicanos prevalece a ideia de que, se a guerra continuar em 1944, não haverá dentro do partido democrático outra personagem que conheça tão bem os problemas da paz e da guerra como Roosevelt.

Não obstante, nos Estados Unidos, já se fala na possibilidade de se travar novo duelo político para a suprema magistratura da Nação entre Roosevelt e Wilkie, candidato republicano que, na verdade, parece reunir melhores condições para substituir o actual Presidente.

Outro possível candidato dos republicanos, em substituição de Wilkie, podia ser Herbert Hoover, que tem quasi setenta anos e foi Presidente dos Estados Unidos de 1929 a 1933.

O que vem a ser a Linha Mareth?



ROMMEL

Após a retirada italo-alemã da Tripolitânia, as autoridades militares de Londres estão convencidas de que Rommel só virá a resistir na Linha Mareth, considerada a «Maginot do Deserto».

Esta linha Mareth começa à beira da costa, a 82 milhas a oeste da fronteira da Tripolitânia e alonga-se numa extensão de 30 milhas para o interior, passando por Zerat e Mareth até atingir as montanhas arborizadas de Matmata. A linha propriamente dita está organizada em profundidade e dispõe de poderosos pontos fortificados, assim como obstáculos anti-tanques e redes de arame farpado com cinco metros de profundidade, aproximadamente.



WAVELL

Qual é a alta individualidade do exército britânico indigida pela Câmara dos Lords para o cargo supremo dirigente da estratégia militar?

É o marechal sir Archibald Wavell. Esta questão foi levantada por Lord Elibank que perguntou se o Governo não acharia conveniente

que o marechal Wavell fosse imediatamente chamado à Grã-Bretanha, para lhe ser entregue a suprema direcção estratégica da guerra.

Lord Suell respondeu, em nome do Governo britânico, que, como comandante supremo da Índia, o marechal já estava em intimo contacto com a direcção suprema da guerra no Extremo-Oriente. Lord Elibank sugeriu também que o marechal Wavell fosse nomeado membro do Gabinete de Guerra ao que Lord Suell replicou que informaria as esferas competentes da sugestão que ali fóra feita.



DE GAULLE

Quem é o general Leclerc?

Inesperadamente, este chefe militar francês, partidário do general De Gaulle, tornou-se uma das grandes figuras da campanha africana, ao conseguir atravessar, com as suas tropas, o deserto que separa o território do Chad do litoral da Tripolitânia.

Magro e de complexão vigorosa, Leclerc é, por assim dizer, um verdadeiro espartano, à semelhança do general Montgomery. Nunca toma bebidas alcoólicas, nem mesmo vinho, e não fuma. É relativamente novo para o posto que tem no exército — conta pouco mais de quarenta anos — e a sua figura enérgica, a fronte alta e olhar vivo e penetrante inspiram confiança e denotam a lúcida inteligência, que caracteriza as suas extraordinárias qualidades.

Como exemplo típico do ascetismo de Leclerc, diremos que, quando chegou a Brazzaville, em Maio do ano passado, tendo-lhe alguém perguntado como desejava que festegassem a sua chegada, respondeu: «Com alguns exercícios de esgrima de baioneta...».



HITLER

Durante as últimas semanas registaram-se grandes modificações nos cargos de representação diplomática do III Reich. Quem são as individualidades substituídas e os seus substitutos?

Os diplomatas chamados a Berlim em princípios do mês de Janeiro foram os representantes da Alemanha em Paris, Estocolmo, Tóquio, Copenhague e Madrid. Em Paris, encontrava-se o conhecido Otto Abetz, que iniciou a sua carreira como professor de francês numa escola feminina de Karlsruhe e a terminou num palácio do Quai d'Orsay como embaixador alemão na França vencida. Por enquanto, Abetz ainda não tem quem o substitua em Paris e não se sabe mesmo se haverá nomeação de nova entidade ou se a representação diplomática alemã na antiga capital francesa será abolida.

Na vizinha Espanha, encontrava-se o barão Eberard von Stohrer

que desempenhou as funções de representante de Hitler, em Salamanca, durante a Guerra Civil. Segundo se diz, teve um papel muito preponderante na assinatura do Armistício franco-alemão de 1940. O novo embaixador em Madrid é agora o conde Hans Adolf von Moltke, bisneto do grande ajudante do Chanceler de Ferro, Bismark; este diplomata desempenhou iguais funções em Varsóvia, antes da guerra, e foi ele que, em nome do Governo alemão, reivindicou a anexação de Dantzig e do Corredor Polaco.

O Príncipe Zu Wied, ministro da Alemanha em Estocolmo, foi substituído por Hans Thomsen, que já desempenhou igual cargo em Washington. O quarto diplomata chamado à capital alemã tem uma longa viagem a fazer e, possivelmente, ainda lá não chegou: é major-general, Eugen von O., representante de Hitler no Japão, o qual é considerado fervoroso anti-bolchevista e teve por missão explicar, em Tóquio, os motivos do pacto germano-soviético de 1939, da invasão da Rússia e, por último, da «defesa elástica» empregada ao longo de toda a frente oriental.

O novo embaixador no Japão é Helinrich von Stahner que tem na sua folha de serviços a negociação e a assinatura da aliança militar germano-japonesa, em Setembro de 1940. O último ministro desta série de substituições é von Reuthe-Fink, representante diplomático na Dinamarca, ao qual sucede Werner Best, fascista ferrenho que foi chefe da polícia de Hesse e disputou a von Stuepluagel e Hydrich o cargo de chefe das S. S., respectivamente, em Paris e nos Balcans.

Os restantes embaixadores e ministros da Alemanha foram mantidos nos respectivos postos. Entre estes, destacam-se os embaixadores em Lisboa e Roma, e os representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão nos Balcans, Afghanistan, Finlândia, Sião, Irlanda, Suíça e Argentina. Os diplomatas germânicos do Chile foram forçados a embarcar para a Europa num navio espanhol, depois de se ter descoberto um caso escandaloso de espionagem naquele país da América do Sul.



MANNERHEIM

Qual é o papel que, segundo o Alto Comando norte-americano, a Noruega poderá vir ainda a desempenhar nesta guerra? Acaso se prevê a possibilidade da invasão daquele país escandinavo pelas forças aliadas?

O levantamento do cerco à cidade de Leninegrado fez reviver em Washington as especulações, já em tempos feitas, sobre a possibilidade de se realizar uma invasão aliada da Noruega.

Na verdade, as opiniões prevalentes, nos Estados Unidos, são unânimes em concordar que a Noruega é o local ideal e lógico para o estabelecimento duma nova frente

européia.

Por um lado, este país tem para a Alemanha uma importância muito apreciável, pois, é dali que saem os aviões e navios que atacam os comboios de abastecimento aliados que seguem com destino à Rússia pela rota do Ártico; por outro lado, as vantagens dos Aliados são ainda mais valiosas em virtude da posse da Noruega tornar possível o afastamento da Finlândia como potência militar beligerante, a cooperação do povo da Dinamarca e, até, da Suécia, em acções de resistência contra os alemães, e, finalmente, a possível junção das tropas anglo-americanas às da Rússia.



CHURCHILL

Afirmou-se que, na Conferência de Casablanca, Roosevelt e Churchill tinham assentado em provocar em primeiro lugar a derrota da Alemanha e só depois atacar o Japão. Será esta opinião partilhada por todas as Nações Unidas?

Parece que não, porque o major-general Daifung King, membro da missão militar enviada pelo marechal Chang-Kai-Chek a Washington, afirmou recentemente que se as Nações Unidas não atacassem o Japão imediatamente, seriam necessários três anos para o derrotar mais tarde. Declarou ainda que o mais preciso para enfrentar o Império nipónico, neste momento, eram 500 caças e 100 aviões de transporte. A estrada da Birmânia, segundo o referido oficial, podia ser reaberta «se realmente houvesse desejos disso», porque os japoneses têm menos de seis divisões em toda a Birmânia.

Na opinião do general King, quanto mais tempo demorar o ataque, mais fortes se tornarão os japoneses, pois eles estão a desenvolver grandemente a produção das matérias-primas conquistadas e a formar exércitos com os habitantes das regiões ocupadas.



VON KLUGE

Quais foram os generais alemães ultimamente condecorados pelo Führer?

A Agência Oficial Alemã anunciou, a semana passada, que o chanceler Hitler tinha condecorado com as «folhas de carvalho» da Insígnia de Cavaleiro da Cruz de Ferro, o general-marechal von Kluge, comandante supremo do sector central da frente russa, e general Paulus.

O primeiro destes oficiais comandante o exército que perdeu, recentemente, a cidade de Veliki Luki e o segundo dirige o exército cercado em Estalinegrado.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

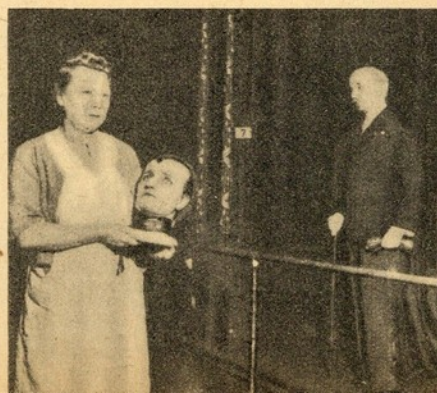


Esta rapariga é de Viena e chama-se Martha Musilck. Num recente concurso realizado em Hamburgo, ficou classificada como o 1.º Prémio da Alemanha em patinagem artística sobre o gelo.



O MUSEU GRÉVIN EM PARIS

*Onde perduram dramas de
figuras de cera...*

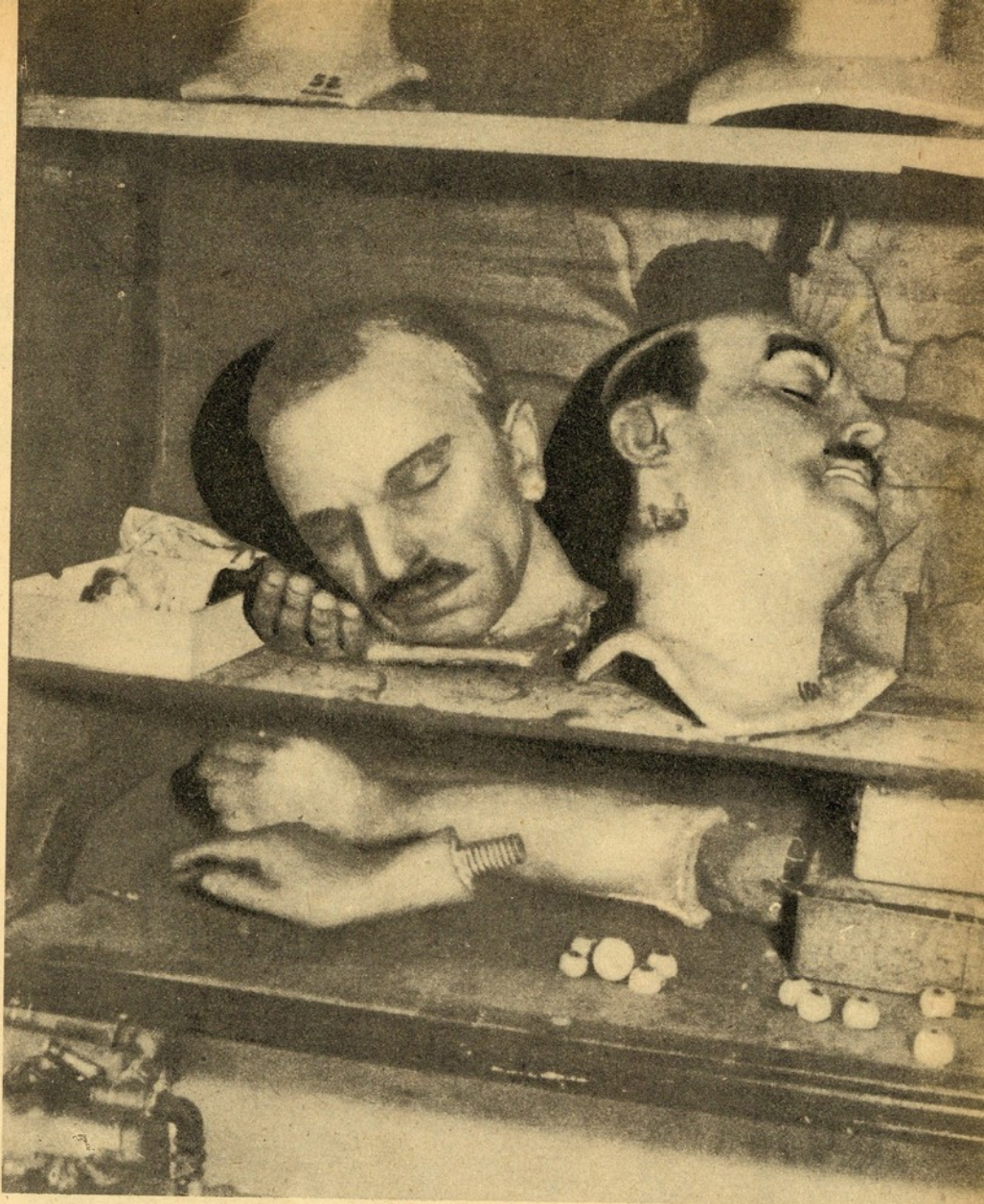


PARIS, que tem agora tantas preocupações sérias e tantos problemas a resolver, para lá dos gabinetes do sr. Déat e do sr. Laval, parecer que está também em face de um outro caso bicudo: o espaço vital no Museu Grévin, onde o público afluê com uma curiosidade—antes: com uma necessidade—de todo inesperada. De facto, nenhum outro museu é tão frequentado como este de Grévin, onde o público toma contacto com um mundo extraordinário de figuras notáveis—feitas de cera...

E não se sabe, realmente, para aumentar a confusão do enigma, se os parisienses procuram ali como que uma espécie de bálsamo, contemplando a figura impassível do marechal Pétain, vestido à paisana, se um incentivo e uma nova razão de força e confiança, na contemplação do grande Bonaparte... A verdade, porém, é só esta: o museu de Grévin está na moda, as figuras, em cera, dos grandes vultos da França despertam uma curiosidade nova e um sentimento reconfortante que não deve andar longe da verificação de uma certeza passada, como penhor de uma certeza futura. Porque, apesar de o museu não ser apenas a lição verificada da História da França—lá estão imortalizadas páginas do processo Stavisky, por exemplo—o certo é que nela se contém a vida inteira de uma nação, dividida em galerias ou salas, que ora nos falam da Revolução, ora nos mostram o Trio Fratellini—três palhaços que ficaram célebres no reino da gargalhada...

Ali, naquele mundo à parte, onde os homens são duas vezes títeres—a primeira foram-no em carne e osso...—M. Dupont ou qualquer Silva português poderá acariciar o queixo de Napoleão apertar a mão de Ravallac e fazer tudo o mais que muito bem lhe apeteça—desde que o que fizer não estrague os manequins... Na contemplação deste compêndio de vidas, realmente, todos os franceses se sentem como que unidos entre si—e nesse prolongamento de existências, que é quasi uma identificação de valores de um povo, é que deve estar uma das razões por que os parisienses procuram o Museu Grévin, um pouco com o ar sensacional de quem lê uma descoberta como, por que é que eu não conhecia isto?

Depois, os franceses vivem a sua hora de contrição. Além de que lhes são proibidos muitos gastos de tempo em coisas que eram do seu agrado—há ainda a acrescentar que a nação procura no inventário de todo o seu grande património o conhecimento, que se esquecera de obter, de tanta coisa rica, útil e bela. Por muito pouco



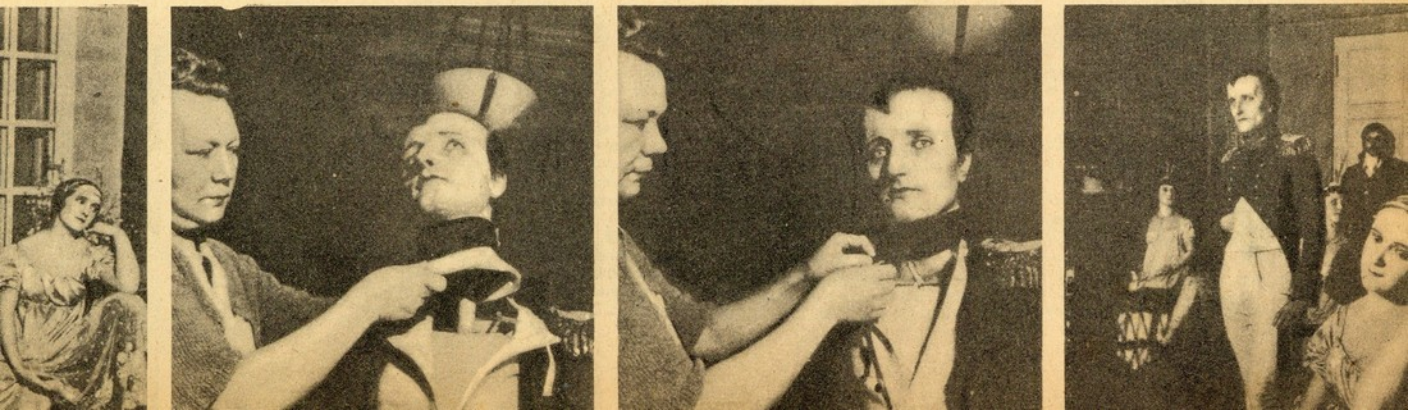
que o pareça—a França espiritual e moral, refaz-se, reencontra-se, visto que não pode por agora continuar como aqueles passageiros que perderam o comboio e ficam no jardim da estação a fazer horas para o outro, entretidos a estudar a forma e a cor das flores que mal lhes haviam sugerido impressões...

O Museu Grévin é, de resto, merecedor de todas as atenções. Ali «vivem» todas as notabilidades, com os seus trajes a rigor e com a vantagem de poderem ser renovadas cada vez que o tempo entra com eles—um bem de que

nos não gabamos nós, os pele, carne e osso... Esses ilustres hóspedes são feitos de cera e cola—nós somos de terra, cinza, pó e nada...—e quando perdem a frescura da sua idade, recolhem aos caldeirões, onde se derretem, para se mudarem em novos «seres»—outras celebridades de valor indiscutível, porque na natureza nada se perde e tudo se transforma... E todas as semanas, as cabeças dos manequins saem dos peçoços respectivos, para solfer um restauro—uma limpeza do frontespício—pois, os homens de cera não podem prescindir de certos hábitos

de higiene aprendidos quando ainda eram de carne... Além disso, depois de receberem as visitas, com toda a urbanidade e bons sorrisos, os senhores do Museu Grévin são «deshabillés» e sobre eles, com as sombras da noite, descem também as pregas pesadas de mantos protectores de poeiras e do mais que os avaria...

Por fim, a noite vem—o Museu envolve-se em silêncio e ninguém juraria que, para além das trevas, não desponta então uma vida diferente, longe de olhares profanos e em que a cera adquire plasticidade e movimentos...





VOCÊS, caríssimos leitores, sabem, por acaso, o que é ser analista? Analistas são uns senhores muito «minhocas», que se afirmam imensamente preocupados com o bem-estar e a saúde da humanidade e que, de batas brancas e óculos acavalados no saliente do rosto, pa-

sam os dias inteirinhos encerrados em cubículos a que chamam laboratórios. Vivem rodeados de frascos e frasquinhos cheios de líquidos de variadas cores e rotulados com nomes muito complicados, duns instrumentos de vidro de formas mais que esquisitas e que entretêm o tempo a meter o nariz aonde... são chamados. Pois — pasmem, leitores! — Laura Alves, aquela endiabrada rapariga de rosto garoto e olhar irrequeto que vocês têm visto no teatro e já

viram no cinema — recordam-se do «Páteo das Cantigas» e do «Pai Tirano»? — queria ser analista! Foi o que nos declarou, face a face, quando lhe perguntámos: — Diga-nos, Laura, se você não fôsse aquilo que é, se pudesse ser o que mais desejasse, que gostaria de ser? — Você vai admirar-se — admiram-se todos — mas eu gostaria, mesmo acima do teatro, mesmo acima do cinema, de ser... analista! — Mas que ideia, Laura!

Laura Alves

NÃO QUERIA SER ARTISTA DE TEATRO, NEM ARTISTA DE CINEMA... queria ser analista!

— Você não sabe, naturalmente, que eu freqüentei a Escola Machado de Castro, onde completei o curso industrial. Nas férias, fazia teatro. E olhe que comecei bem cedo! Aos 14 anos!
— Conte-nos isso. Como representou a primeira vez?
— A primeira vez que representei foi na Companhia Alves da Cunha, no Politeama. Fazia o papel de Gaby, nas «Duas Garotas de Paris». Foram dois meses — tempo mesmo à justa para regressar às aulas...
— E nas férias seguintes...
— ...fui para o Nacional, desta vez integrada na Companhia Key Colaço-Kobies Monteiro.
— Mas... tão noval...
— Interpretava peças infantis.

— E depois, Laura?
— Depois, em 1937, fui às Ilhas, com a Companhia Adeline-Aura Abranches.
— Voltou à Escola?
— Sim, por mais um ano. Terminei o curso e tencionava matricular-me no Instituto Superior Técnico, afim de tirar o diploma...
— ...de analista?...
— Isso mesmo, de analista. Mas...
— Mas?...
— Empreguei-me como dactilógrafa-correspondente!
Sobe o nosso espanto:
— A Laura dactilógrafa-correspondente?!
— Porque não? Fui empregada, durante sete meses, na Companhia de Produtos de Ciência, na Avenida 5 de Outubro.

— Sempre a mania das ciências...
— E ainda lá vou, às vezes — visito as colegas...
— Voltou ao teatro?
— Voltei. Desta vez ingressei no Teatro do Povo e percorri a Província duas épocas seguidas, sob a direcção de Kibeirinho, até que...
— Até que...
— ...veio a fase decisiva, aquela que ainda hoje continua.
— Como começou?
— No Variedades, com a peça «Lisboa-1900», o trabalho de que mais gostei, diga-se de passagem.
— Dai para cá...
— ...tenho alternado a comédia com a revista e a revista com a comédia...
— ...preferindo...
— ...a comédia, evidentemente!



É chegado o momento de imprimirmos novo rumo à conversa. Laura Alves não é só artista de teatro. Também o é do cinema — e um dos seus mais simpáticos, expressivos e positivos elementos. Falámos-lhe desse outro público, daquele que, não a vitoriando, todas as noites, nos palcos de Lisboa ou do Porto, nem por isso é menos fiel ou dedicado, esse público que, não exteriorizando com palmas a sua admiração ou a sua simpatia, não é menos apaixonado ou menos numeroso: o seu público do «écran». E afirmámos-lhe:
— Você não imagina, Laura, a infinidade de cinefilos que todos os dias se dirigem às redacções dos jornais da especialidade, a perguntar coisas de si, quando volta a aparecer num filme, se oferece a fotografia...
Laura Alves tem uma carêta engraçada com que exprime, deliciosamente, a sua incredulidade:
— Palavrinha?
— Palavrinha!
E há uma certa comoção na sua voz e um estranho fulgor nos seus olhos vivos, ao exclaimar:
— Oh! que simpáticos!
Aproveitamos a oportunidade — para abusar:
— Pois, Laurinha, é para esses simpáticos admiradores, especialmente para eles, que você nos vai responder a meia dúzia de perguntas-relâmpago. Valeu?
— Valeu!
— Gosta de cinema?
— Muito. Muitíssimo. Tenho uma predilecção especial pelos filmes de ambiente histórico, mas recordo-me de ter gostado imenso da «Loja da Esquina» e de «Um João Ninguém». Também gosto muito daquelas comédias americanas 100% malucas... assim como...
— como...
— ...como eu!
— Oh! Laurinha, pelo amor de Deus!...

Laura Alves leva a sua gentileza para connosco ao ponto de auxiliar o nosso questionário. E é ela quem pergunta:
— Também quer saber quais são os meus artistas preferidos?
— la perguntar-lho...
— Delas: Bette Davis, Margaret Sullavan e Ginger Rogers. Margaret Sullavan, especialmente, encantou-me... por ser feia e vestir mal...
— E deles?
— Spencer Tracy, Gary Cooper, James Stewart...
Advertimos Laura Alves de que ainda nada nos disse do nosso cinema, do cinema português. Mas ela tranquiliza-nos, afirmando-nos que os últimos serão os primeiros. E logo ajunta:
— Sabe qual foi o filme português de que mais gostei?
— «A Canção da Terra»...
— Quem lho disse?
— O seu bom senso e gosto artístico.
— Oh, obrigada. Você confundeu-me. E já agora também achará natural que lhe diga que Jorge Brum do Canto é, na minha opinião, o nosso primeiro realizador?
— É outra manifestação de apurado critério...
Desejamos retomar o fio das perguntas a que Laura Alves, de quando em quando, nos subtrai com o seu endiabrado dinamismo:
— E com respeito aos nossos «astros» e «estrelas»...
— Não faça pouco que me ofenda!...
— Oh! Perdão!
— Está perdoado... Mas... Olhe, gosto muito do António Silva, da Gracinha e da...
— Diga...
— da... Laura Alves.
E esclarece logo, ruborizada — ruborizada, a Laura! — e aflita:
— Não se ria nem me chame vaidosa! Se você soubesse como gosto de me ver na tela... Olhe, a pri-

(Continua na pág. 23)

A GUERRA VISTA PELO ARTISTA POLACO

Topolski

que expoz em Lisboa

O Primeiro Ministro
britânico — Winston
Churchill — visto
por Topolski

Feliks Topolski no
seu estúdio de Lon-
dres, onde reside
há três anos



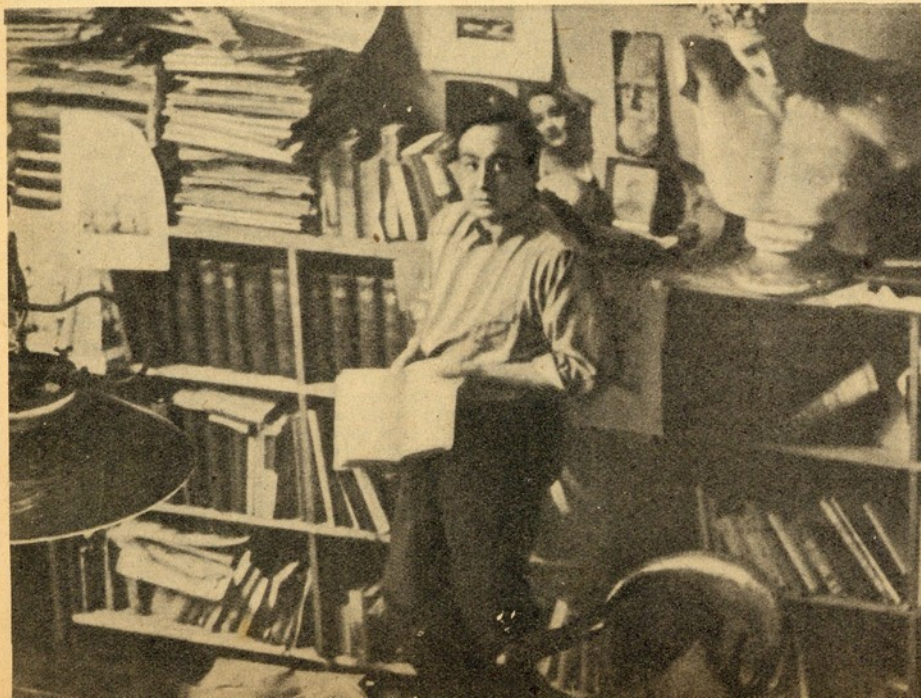
M dia destes, Tom te-
legrafou para Lon-
dres:

«Se você, quiser,
Topolski, podemos
arranjar aqui uma
pequena exposição».

O artista polaco
fêz um rôlo de pa-
peis de bloco, papel
de original para o

jornal, alguns pedaços de cartu-
cho mais ou menos desamarrato-
dos — e mandou tudo pelo primei-
ro avião. Dentro desse rôlo — em
cima desse papel — vinham gara-
tujas nervosas, pedaços de vida
estranha, na eloqüente linguagem
de um ilustrador porventura único
neste momento. Lisboa viu-o atra-
vés de uma exposição que esteve
no S. P. N. — mas ponho as mi-
nhas dúvidas se o teria conhe-
cido.

Feliks Topolski, um rapaz de 35
anos que nasceu em Varsóvia;
que começou a ser artista aos 6
anos; que na Academia de Belas
Artes da sua cidade não ganhou
mais prêmios porque mais não ti-
nham para lhe dar; que viajou
por toda a Europa — fixou há anos
residência em Inglaterra, onde o
pitoresco inglês e a índole do povo
se identificam plenamente com o
seu «charme» humorístico, o seu
dom de traduzir por traços o humo-
rismo dos outros. E a provar que
essa identidade mental e psicoló-
gica existe — aí está, no fim de
contas, o entusiasmo com que esse
menino prodígio, é aplaudido em
Londres, onde passou a ser, sim-
plesmente, um saboroso britânico.
De facto, não se sabe como se
completam nêles as duas entidades:
Topolski é um inglês por tempera-
mento — porque somente sendo o





Um aspecto de Londres, na tarde dum bombardeamento inimigo

próprio temperamento de um britânico é possível retratá-lo, como se vê nestes desenhos, sem deixar de ser polaco, como se vê na sua interpretação da Polónia...

Este Topolski, que vive na Inglaterra, como um peixe na água, pôde, assim, fazer o que ninguém com êxito, poderia fazer entre nós: editar livros de desenhos que estão a ser disputados em edições sucessivas. Ele é agora, de resto, pelo desenho, o cronista oficial, pago pelo Governo polaco em Londres — e Londres concedeu-lhe todas as facilidades indispensáveis a um historiador de grande classe: viagens em «destroyers» e lugar nas grandes expedições à Noruega, assento nos gabinetes onde se fazem e desfazem os destinos da guerra... As suas fantásticas interpretações ora têm um dro-

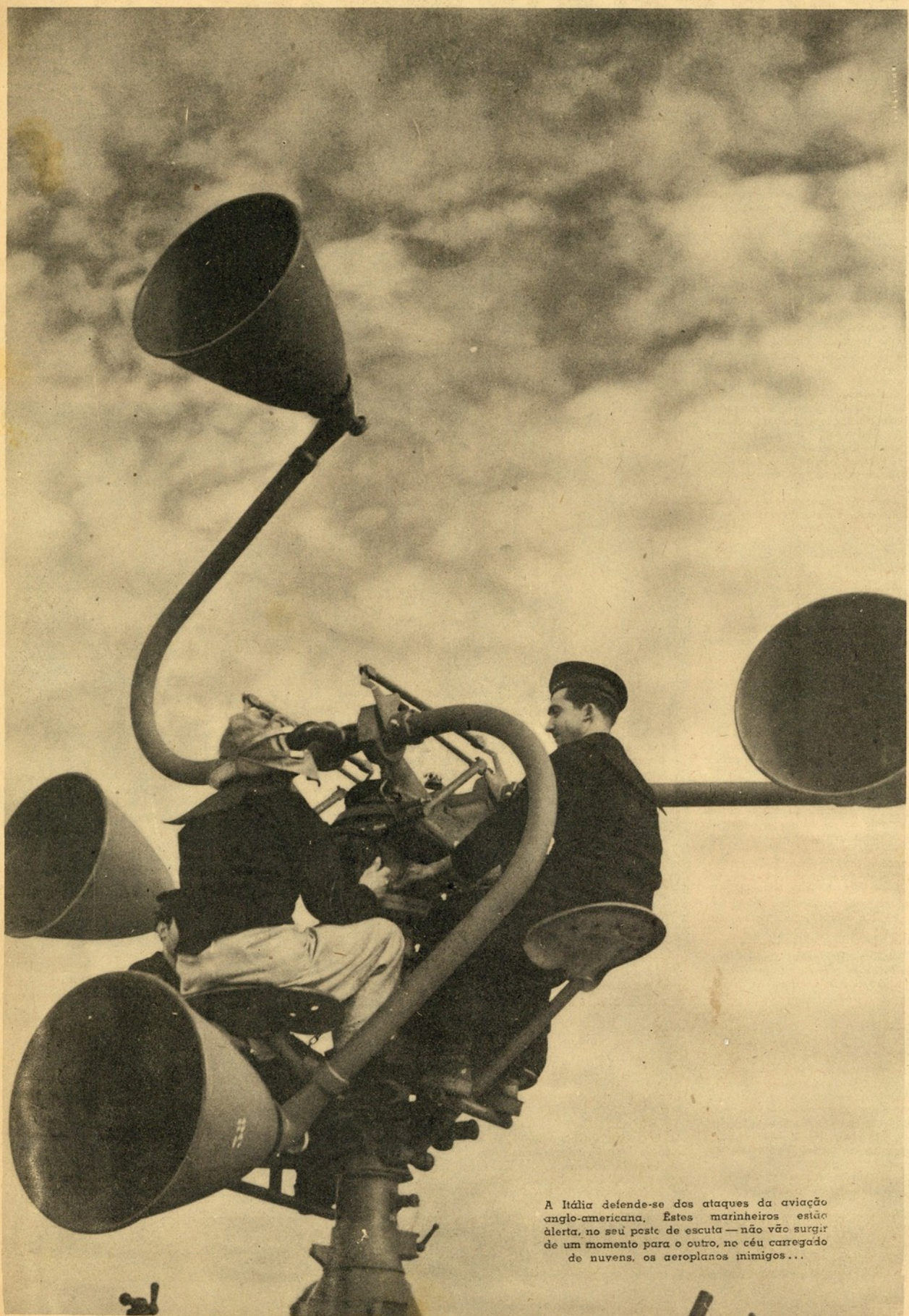
A entrada para uma «Tube Station», de Londres, durante um ataque aéreo alemão



O «Bar off all Nations» em tempo de guerra... e nos dias de grande movimento

principalmente, nas caricaturas políticas que, por pena, não apareceram na exposição que se encerrou na 2.ª feira passada.

Dolly Traube diz que Topolski tem uma grande dificuldade: harmonizar os movimentos do cérebro com os da mão que são extremamente rápidos e que o obrigam a fazer várias «encenações» da ideia... Talvez por isso, as suas figuras movem-se num mundo fantásticamente movimentado — e só é pena que o movimento do público lisboeta não tivesse correspondido à curiosidade que este grande ilustrador e caricaturista merecia: a prova é que se venderam só dois quadros...



A Itália defende-se dos ataques da aviação anglo-americana. Estes marinheiros estão alerta, no seu poste de escuta — não vão surgir de um momento para o outro, no céu carregado de nuvens, os aeroplanos inimigos...

CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA...
DE ANDRÉ BRUN

UM belo dia num quartel, parece que na Patagônia, o comandante duma companhia chamou o primeiro sargento e ordenou-lhe, por graça:

— Escolha entre os «nossos» homens o mais estúpido.

O sargento ficou perplexo. Nem sempre é fácil na vida militar — como em qualquer outra, afinal — determinar a maior soma de estupidéz que oficialmente a alguém é permitido possuir. O sargento que tinha soletrado Taine e outros psicólogos, recorreu ao método experimental. Observou os soldados, analisou-os um a um, durante dias, e acabou por indicar ao comandante certo soldado que ele apurou ser o mais erudito estúpido do quartel.

— Que provas tem da sua estupidéz? — inquiriu o comandante.

O «nosso primeiro», com um lampejo de gênio a iluminar-lhe o miolo, respondeu:

— É tão estúpido, meu comandante que, quando vai a marchar levanta os dois pés ao mesmo tempo...

O comandante riu-se, com ar de indulgência, e inscreveu como o mais estúpido da sua companhia — o primeiro sargento.

HISTÓRIA ANEDÓTICA

A História podia fazer-se, toda ela, com anedotas — talvez porque, como disse Claretiz, a anedota é a consagração da própria história. Vamos hoje consagrar esta página a alguns ditos de espírito arqueologicamente históricos.

A MULHER DE PAULO EMILIO

MURMURAVAM certos amigos de Paulo Emilio por este haver repudiado a mulher, tida como exemplar no seu viver conjugal. Paulo Emilio chamou-os, mandou buscar umas sandálias que tinha, de bom couro, e na aparência muito bem feitas, e pondo-lhas diante, perguntou:

— Que defeito achais nestas sandálias?

— Nenhum! — Responderam êles.

— Pois sim — lhes retorquiu Paulo Emilio — mas eu que as calcei, é que posso dizer onde me apertam...

NOBRESA

D. Diniz, atravessando a Beira, entrou em casa dum camponês para matar a sede. Correu a dar-lhe a água o camponês, mas logo o mordomo se interpôs, por não ser qualquer que podia servir o Rei. Ouvindo-os questionar, ordenou D. Diniz que o lavrador lhe trouxesse de beber. Depois de refrescar-se, inquiriu:

— Desde quando és fidalgo?

— Desde Adão. Real Senhor.

Um ACÁCIO... não acaciano



Acácio Lino, com a mocidade radiosa dos seus cabelos brancos, disse adeus à sua casa tranquila do Pôrto, meteu numa mala de mão algumas dezenas de telas, enfiou para o rápido — e veio a Lisboa fazer uma exposição de pintura. Durante dias, a Sociedade Nacional de Belas Artes encheu-se de gente. Toda a Lisboa artística e mundana passou pelo salão de Barata Salgueiro para ver os quadros de Acácio Lino — e fazer a sua vénia ao nobre pintor português.

Há pessoas — e são a grande maioria — a quem o tempo envelhece. Há outras, porém, embora raras, que possuem a arte maravilhosa de não envelhecerem com o tempo. É a hipótese de Acácio Lino. Pode a neve cair; podem tombar as folhas sacudidas pelo inverno; pode soprar o vento ou, em grossas bátegas, cair a chuva: para Acácio Lino é sempre primavera. Nos seus olhos, como no seu espírito, há sempre sol. As suas tintas revestem-se permanentemente da limpida frescura de certas manhãs de Abril. Quem entrasse na sua galeria não podia deixar de ter a impressão, principalmente diante das paisagens, que ouvia chilrear os pássaros, entre o doce verde das árvores. Pois bem, este homem, habituado a subir a Rua dos Clérigos, sobe hoje a «Calçada da Glória» — a largos passos, como um rapaz. Nós mesmo desistimos de o acompanhar na sua galgada heróica; mas, de longe, saudamos neste Acácio pintor — um pintor que não tem nada de acaciano...

— Desde Adão? — Então a tua nobreza é muito mais antiga do que a minha.

— Perdoai, Real Senhor. — Adão sou eu!

AS PERAS

MANDARAM a um bispo um cesto com peras, e logo se ofereceu para as guardar um sobrinho do prelado a quem, pouco antes, este nomeara para certa freguesia.

— Não as fio de til — disse o bispo.

Ao que retorquiu um velho abade que estava presente:

— Então Vossa Ilustríssima fia dêle as almas, e não fia dêle as peras?

O bispo sorriu e entregou ao sobrinho o cesto.

OS IMPOSTOS

D. João IV pediu a Tomé Pihneiro da Veiga que lhe

arranjasse meio de lançar um imposto — sem que o povo o sentisse. Voltou o ministro na mesma noite, pelas três horas da madrugada, e acordou o Rei que risonava como um justo.

— Agora que o povo dorme é boa ocasião para Vossa Majestade lançar um imposto, que ninguém o sentirá...

A SAÚDE

CERTA ocasião disseram ao comediógrafo grego Antiphânio que casara um seu amigo.

— Não é possível! — exclamou Antiphânio — Ainda ontem estava em seu perfeito juízo!

ALEXANDRE E O PINTOR

ALLEXANDRE Magno entrou uma manhã na oficina de Apelles e, a certa altura, principiou a dissertar acerca de pintura.

Apelles ouviu, ouviu, e, em dado momento, não se conteve que não prevenisse discretamente:

— Veja, meu Senhor, que se está a rir o moço que moe as tintas.

D. JOÃO II

ERA de pequena estatura Gonçalo da Fonseca, fidalgo que D. João II tinha em particular estima. Ora sucedeu que outro fidalgo, o comendador-mór D. Pedro da Silva, se referiu, certa vez, a D. Gonçalo chamando-lhe Gonçalinho.

— Gonçalinho lhe chamais? — comentou o Rei — Talvez, que se com êle vos tornardes, Gonçalo vos pareça.

A PONTE

LUIS XV foi assistir à inauguração da ponte de Neully. Os soldados ergueram-lhe vivas — que o povo não secundou. Admirou-se o embaixador de Nápoles e confessou-o a alguém que o acompanhava.

— Como quereis que o povo grite, senhor embaixador, se lhe não pagaram para isso?

O DINHEIRO

CONHECIA Filipe da Macedónia a influência do dinheiro. Uma vez, pretendendo conquistar uma fortaleza muito bem defendida, vieram dizer-lhe que era impossível tal proeza.

Limitou-se a comentar: — Será tão difícil que não possa lá chegar um burro carregado de oiro?

O PAÇO DE ALMEIRIM

D. João III chegou a Almeirim, depois de larga ausência; e ao ver as paredes do paço todas rachadas, exclamou para os fidalgos que o acompanhavam:

— O paço está-se a rir...

— E tanto — retorquiu um dos fidalgos — que estoiro as ilhargas...



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★
EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
 EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSIONES DIARIAS
OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

CHARLIE KUNZ

O pianista de ritmo inconfundível



APRESENTA TODOS OS MÊSES
 OS SEUS ÚLTIMOS ÊXITOS
 GRAVADOS EM **DISCOS**

OIÇA-OS NOS
 Est. Valentim de Carvalho
 R. Nova do Almada, 97

DIA E NOITE...
 Os inegaláveis cremes de beleza
Rainha da Hungria
 velarão pela Mocidade da sua pele!
 Elogios... para quê?
 Basta dizer que são produtos
M. ME CAMPOS
 ★
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
 LISBOA - RIO DE JANEIRO

UMA GOTA DE «HERPETOL»
 e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa
«HERPETOL»
 é um medicamento aéreo e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR
 À venda em todas as farmácias e drogarias
 Preço avulso: 11\$00

ESCUTAI
ROMA

NOVO HORÁRIO
 NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
 TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s	
7.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060	
		2 RO 4	25.40	11810	
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590	
		2 RO 8	16.84	17820	
14.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300	
		2 RO 11	41.55	7220	
		2 RO 22	25.10	11950	
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590	
		2 RO 66	19.61	15300	
21.50	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950	
		2 RO 18	30.74	9760	
		2 RO 3	31.15	9630	
		221.10 ondas			
		263.20 médias			
24.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950	
		2 RO 19	29.04	10330	
		2 RO 18	30.74	9760	

CONVERSACOES EM LINGUA PORTUGUESA

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

E.I.A.R. CENTRO RADIO IMPERIALE

APRENDA RADIO
 Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
 Peça folhetos grátis á
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
 AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12
 PORTO

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - o enigma nipónico

3

O PREAMBULO DO ATAQUE JAPONÊS

COM o mês de Julho, revelou-se que as negociações entre os japoneses e o governo de Vichy tocavam o seu termo. Este acabara, confirmando-se assim as suspeitas levantadas em Washington, por ceder às exigências principais formuladas pelos dirigentes de Tóquio. Um dos seus representantes havia de declarar, oficialmente, para explicar a atitude tomada: «Há concentrações de tropas chinesas no Yunnan e concentrações de tropas e divisões britânicas em vários pontos da Birmaníia e da Malásia. Estes factos justificam o procedimento do Governo francês, que rejeita uma tentativa anglo-chinesa para ocupar a Indo-China. A França, sózinha, não está em condições de defender esta posição. Temos a prova disso com o que se passou na Síria. A intervenção japonesa está

de acôrdo com a letra do tratado celebrado entre os países, em 1940; o qual reconheceu ao Japão uma posição predominante no Extremo Oriente, com a responsabilidade correspondente de manter a paz no continente asiático.» Além dos chineses e dos ingleses, a declaração referia-se, igualmente, à possibilidade de uma tentativa de elementos afectos ao general De Gaulle, da combinação com aquêles.

Em Vichy negaram, porém, de maneira categórica, que tivesse havido nas negociações qualquer intervenção, directa ou indirecta, do Reich, por intermédio dos seus representantes diplomáticos ou dos seus delegados na comissão de Armistício de Westbaden. Os franceses queixavam-se, ao mesmo tempo, de não receberem qualquer auxilio dos Estados Unidos, apesar de se haverem dirigido oportunamente a este último país, a fim de conhecerem a sua attitude na hipótese de, eventualmente, se suscitarem complicações nas suas possessões da Ásia. «Dirigimo-nos há um ano — acrescentava a declaração oficial feita em Vichy — aos Estados Unidos para sabermos que espécie de auxilio

nos poderia ser dado na Indo-China mas nunca chegámos a receber qualquer resposta de Washington.»

Estas explicações não bastavam, porém, para acalmar a inquietação suscitada tanto em Washington como em Londres, perante o curso dos acontecimentos. Ingleses e americanos estavam firmemente convencidos e os acontecimentos que ocorreram posteriormente só serviram para confirmar esta convicção, de que as concessões feitas ao Japão, na Indo-China, abririam, de par em par, as portas á guerra no Oriente.

INQUIETAÇÃO EM LONDRES E WASHINGTON

No Parlamento inglês, o assunto foi debatido publicamente e o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Eden, confirmou as versões que já circulavam sobre a natureza e a extensão das concessões do governo de Vichy. As negociações, certamente já ultimadas na altura em que o ministro inglês tratava o assunto, coincidiam com uma violenta campanha da imprensa japonesa contra a Grã-Bretanha. O ministro negou que o seu país alimentasse quaisquer ambições territoriais em relação á Indo-China ou á Tailândia. Em relação á Indo-China, não havia, praticamente, quaisquer contactos diplomáticos, ou de outra espécie, entre o governo inglês e a administração local, desde a assinatura do Armistício que coroara a derrota militar da França; em relação á Tailândia, havia um tratado de amizade anglo-siamês que os ingleses se propunham cumprir rigorosamente. «Este tratado, concluía o ministro, não se destina a obter vantagens de qualquer espécie e não se dirige contra nenhuma outra potência.» Era este o quadro geral da política que a Grã-Bretanha se propunha seguir naquelas regiões do Oriente.

Nos Estados Unidos, a emoção provocada por aquelas notícias foi, porventura, maior. A ocupação, por forças japonesas, de aeródromos e bases navais na Indo-China, que se seguiu imediatamente á assinatura do acôrdo franco-nipónico, foi considerada como um incitamento ás conhecidas reivindicações japonesas que dizem, naquela altura, exclusivamente respeito ao sul da China, ás Indias holandesas e á Malásia, não deixaria de se estender, em prazo mais ou menos breve, ás Filipinas. Os jornais americanos condena-

ram enérgicamente a attitude do governo de Vichy e consideraram umã ofensa a declaração oficial de que o auxilio pedido não tivera qualquer resposta dos dirigentes de Washington.

O embaixador francês nesta capital, Henry Haye, viu a sua acção censurada por êsses jornais. A propósito, recordou-se que, antes que a ameaça japonesa contra a Indo-China tomasse forma, êle fôra instado para tomar, á iniciativa de fazer seguir para ali as forças que se encontravam immobilizadas na Martinica desde a assinatura do Armistício, não tendo dado qualquer andamento a essa sugestão, com o pretexto de que o secretário geral do governo daquela colónia se encontrava preso.

O ACÔRDO GERMANO-JAPONÊS

Em 14 de julho, os primeiros navios de guerra japoneses surgiram em frente da desejada base naval de Camranh. Quatro dias depois, surgiram numerosos transportes conduzindo tropas nipónicas, iniciando-se, imediatamente, o desembarque. Em Vichy e em Tóquio foi publicada uma declaração anunciando o acôrdo á que os dois países haviam chegado e insistindo nas razões que tinham determinado a sua assinatura. O embaixador japonês em Vichy, Kato, e o chefe do governo de Vichy dessa época, admirante Darlan, assinaram aquêles instrumento diplomático. A assinatura fôra precedida do desembarque na baía de Camranh, o que bastou para demonstrar a urgência com que o Japão considerava o assunto.

Que dizia, em resumo, o acôrdo franco-nipónico de 29 de Julho de 1941, que teve uma importância capital para a evolução posterior dos acontecimentos no Extremo Oriente? Sem a posse das bases navais e dos aeródromos indo-chineses, a ofensiva nipónica que cinco meses depois havia de se produzir com um ímpeto excepcional, não teria nunca conduzido ás vitórias rapidamente conseguidas, as quais se traduziam pelo domínio efectivo do Japão na Malásia, nas Indias Holandesas e nas ilhas do centro e do sul do Pacífico.

O preâmbulo do acôrdo Kato-Darlan especificava que a sua conclusão tivera em conta a gravidade da situação internacional e as razões especiais que assistiam ao Japão para desejar que a paz não fosse alterada em regiões que deviam considerar-se incluídas na sua esfera de influencia. Os dois governos assumiam o



EMBAIXADOR HENRY-HAYE



O embaixador Nomura

compromisso recíproco de respeitarem os seus direitos soberanos, bem como a integridade territorial da Indo-China. Por seu lado, a França tomava o compromisso de não realizar nenhum acordo com terceira ou terceiras potências sobre a situação da Indo-China, nos aspectos político, militar e económico.

O articulado do acordo continha



três disposições principais: 1) os dois governos prometiam cooperar para a defesa comum da Indo-China; 2) as medidas a tomar para dar realização prática a este princípio seriam objecto de arranjos especiais; 3) as medidas tomadas e os acordos concluídos deviam considerar-se válidos, apenas durante o período em que continuassem a verificar-se as condições especiais que naquela altura caracterizavam a situação no Extremo Oriente.

A OCUPAÇÃO DA INDO-CHINA

Os acordos especiais a que se referia o artigo 2.º do acordo e que deviam condicionar a ocupação militar de certos pontos da Indo-China pelas forças armadas nipónicas, nunca chegaram a ser publicados. Mas os acontecimentos que se seguiram imediatamente falavam, com suficiente clareza, sobre o conteúdo desses acordos. Antes da sua conclusão, já se encontravam no Tonkin 5 ou 6.000 soldados japoneses con-

centrados no aeródromo de Giac-lam, perto de Hanoi, e em Haiphong. Os japoneses ocuparam igualmente o aeródromo de Laokai, nas proximidades da provincia chinesa de Yunnan. Além destas posições, de grande valor militar, ocuparam outras de significado estratégico incontestável para a realização dos seus planos: a base de Camranh, a ilha de Nhatrang, e o aeródromo de Tourane. Na Cochinchina, ocuparam Sangon, cidade fortificada, e o aeródromo de Cholon, que fica nas suas proximidades. Além disso, instalaram-se nas zonas ao sul da colónia, nos aeródromos de Mytho, Soctrang e Siemreap. Ficaram, assim, praticamente com o domínio militar da colónia e com um ponto de partida excepcionalmente favorável, para a realização dos seus desígnios.

Durante o mês de Agosto, os desembarques de tropas japonesas nos portos da Indo-China, postos à sua disposição, assumiram proporções inesperadas. Em poucas semanas, as concentrações nipónicas na Indo-China totalizavam mais de quarenta mil homens, entre os quais se contavam numerosos especialistas. Algumas dessas concentrações realizaram-se na fronteira da Tailândia, o que não era de molde a tranquilizar o governo de Bangkok sobre os verdadeiros desígnios dos japoneses.

Estes acontecimentos tinham despertado, naturalmente, uma reacção que se fez sentir de maneira particularmente intensa, não só nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, como também nas Índias Holandesas. Os governos de Washington e de Londres entenderam que não deviam deixar passar sem o seu protesto formal uma operação que fundamentalmente se destinava a preparar uma acção que era dirigida, contra eles. Mas as reclamações que formularam, por via diplomática, tanto em Tóquio como em Vichy, não tiveram qualquer resposta satisfatória. Isso não impediu que o governo do príncipe Konoye se mostrasse mais cauteloso, durante algum tempo.

UMA NOTA AMERICANA

De todas as manifestações de protesto a que a atitude japonesa, naturalmente, dera origem, foi a do governo norte-americano aquela que maior impressão produziu em Tóquio. O protesto americano foi entregue pelo Subsecretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Sumner Welles, ao embaixador do Japão, almirante Nomura. Nêta começava por se recordar o



ponto, de vista norte-americano, expresso numa nota de Setembro de 1940, em que se afirmava que os Estados Unidos envidariam todos os esforços para evitar que as hostilidades se estendessem à zona do Pacífico, acrescentando que esse desejo, claramente expresso, estava a ser prejudicado pelos movimentos diplomáticos e militares de que o Japão tomara a iniciativa, sem uma consulta prévia com as restantes potências interessadas. A nota americana acrescentava: «Transformações recentemente operadas em regiões que directamente interessam aos Estados Unidos, especialmente na Indo-China, indicam, de maneira clara, que o Japão insiste na sua atitude, que não pode deixar de ser considerada pouco amigável.» O governo norte-americano não deixava dúvidas no espírito dos dirigentes nipónicos de que, estando afastada a possibilidade de uma resistência da França às exigências nipónicas, o que acabava de se passar na Indo-China era considerado pela opinião pública norte-americana como uma série de actos de guerra que não deixariam de ter, no momento oportuno, uma resposta adequada.



Não tendo nenhum dos países, contra os quais fundamentalmente se dirigiam as iniciativas japonesas, quaisquer propósitos agressivos ou quaisquer ambições territoriais, a população norte-americana, cujas opiniões o governo de Washington não podia ignorar, era levada a concluir que o Japão estava firmemente decidido a obter inteira satisfação para as suas reivindicações, mesmo que de aí pudesse, mais cedo ou mais tarde, resultar uma guerra entre os dois países. As nações a que a nota americana fazia referência, como não estando animadas de propósitos imperialistas, eram os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Holanda.

A nota americana concluía com estas expressões, que não deixavam dúvidas sobre os verdadeiros sentimentos que animavam os dirigentes de Washington: «O governo e o povo dos Estados Unidos estão absolutamente convencidos de que os movimentos recentemente realizados pelos japoneses na Indo-China afectam e põem em risco a sua própria segurança.» Perante as iniciativas nipónicas, a atitude norte-americana aparecia claramente definida e permitia apenas uma interpretação: se o Japão proseguisse nelas, a guerra entre os dois países seria inevitável.

Confie no
VINHO DO PORTO
COM O
SÊLO DE GARANTIA
DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

OS CRÉDITOS CONGELADOS

No dia seguinte ao da entrega da nota a que aludimos, o governo de Washington tomava a iniciativa de congelar os fundos e os créditos japoneses no território da República norte-americana. Estes créditos totalizavam uma soma superior a cento e trinta milhões de dólares. Simultaneamente, o governo britânico tomava uma atitude idêntica. A solidariedade anglo-saxónica manifestou-se, mais uma vez, de maneira inequívoca. O governo de Londres considerava igualmente os acontecimentos da Indo-China como uma ameaça directa aos seus próprios interesses e tomava o compromisso de se associar a todas as iniciativas que tivessem por objectivo remediar a situação criada. Os ingleses estavam bem longe do Verão de 1940, quando a sua situação, particularmente difícil, os levava a encerrar a estrada da Birmânia contra o sentimento contrário, claro e inequívocamente expresso pela sua imprensa e pelo seu Parlamento.

Entretanto, nem em Londres nem em Washington se fizeram quaisquer revelações sobre a natureza e a extensão das medidas que os dois governos se propunham adoptar, separadamente ou em conjunto, para fazer face à situação que o acordo franco-nipónico suscitara. A Grã-Bretanha tomou, desde logo, a iniciativa de denunciar os tratados comerciais que existiam entre este país e o Japão. Os Domínios declararam, sem demora, que estavam decididos a associar-se a todas as iniciativas que o governo da metrópole julgasse conveniente e oportuno to-

(Continua na pág. 13)



Anthony Eden

Entre nós



Por motivo da passagem do 78.º aniversário da Cruz Vermelha Portuguesa, a respectiva comissão central foi há dias ao Palácio de Belém apresentar cumprimentos ao sr. General Carmona, que é presidente protector daquela benemérita instituição. São dessa cerimónia as duas fotos que publicamos.



Foi há dias inaugurado no átrio da Sociedade Nacional de Belas Artes um medalhão do pintor Condeixa. O sr. coronel Ressano Garcia, presidente da Sociedade, pronunciando o seu discurso durante o acto.



O pintor brasileiro Cicero Dias repetiu agora no Porto a exposição que já havia realizada em Lisboa. Esta foto mostra-nos um aspecto da inauguração do certame na capital do norte.

Figuras da Vida **MUNDIAL**



O marechal Chang-Kai-Chek e sua mulher, os dois grandes chefes da China que luta contra o Japão

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

(Conclusão da página 20)

mar para evitar a repetição de episódios idênticos ao da Índochina. Como é natural, foram os governos da Austrália e da Nova Zelândia, bem como o governo da África do Sul, que se mostraram particularmente decididos a apoiar a atitude enérgica que fôra tomada em Londres.

O GRUPO A B C D

A existência de um perigo comum cria, automaticamente, a coligação das suas vítimas eventuais. A América, a Grã-Bretanha, a China e as Índias Holandesas decidiram associar os seus esforços para enfrentar as ameaças que começavam e prenunciava a iminência da guerra em todo o Extremo-Oriente e no Pacífico. Essa coligação passou a ser designada pelas iniciais dos países que a compunham. Coligação A B C D foi a expressão que se consagrou rapidamente e teve grande voga durante o período agitado que precedeu imediatamente a eclosão das hostilidades com o ataque japonês a Pearl Harbour.

A resposta imediata que essa coligação despertou no Japão traduziu-se por uma violenta campanha da imprensa nipônica e dos meios oficiais japoneses. O Japão considerava-a como uma tentativa de cerco, pronta a traduzir-se em actos, logo que estivessem concluídos os preparativos a que certamente não deixavam de proceder os países interessados. O debate que se suscitou e em que os jornais japoneses unanimemente se manifestaram contra os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, foi animado por uma entrevista telefónica, concedida pelo embaixador japonês em Washington, almirante Nomura, ao jornal «Niichi-Nichi». O embaixador ilibava, de alguma forma, os Estados Unidos das culpas que a imprensa do seu país queria atribuir-lhes, dizendo, claramente, que a evolução da situação no Pacífico, dependia, a partir daquele momento, exclusivamente da atitude do Japão. A entrevista provocou, como é natural, viva indignação em certos meios de Tóquio, que continuavam a ser dominados pela ideia da fatalidade de uma guerra com os Estados Unidos.

A tensão entre os dois países entrou, assim, numa fase crítica. A situação agravou-se sensivelmente, depois da realização da conferência Churchill-Roosevelt e da publicação da Carta do Atlântico (14 de Agosto). O governo de Tóquio considerou que aquela conferência, embora aparentemente fosse realizada para contrariar os planos das potências europeias do Eixo, não deixava igualmente de se entender com o Japão. Uma série de incidentes ocorridos na

fronteira da Tailândia veio tornar ainda mais grave a situação entre os dois países.

NOMURA NA CASA BRANCA

A guerra parecia iminente, quando o almirante Nomura tomou a iniciativa pessoal de se avistar com o Secretário de Estado, Cordell Hull, a fim de ver até que ponto seria ainda possível evitar o alargamento das hostilidades ao Pacífico. No final da entrevista que tiveram, o diplomata nipônico declarou aos representantes da Imprensa que não tinham falado como políticos mas como homens, igualmente decididos e interessados em evitar ao mundo novas catástrofes de consequências imprevisíveis. Entretanto, o almirante Nomura terminava as suas declarações pela afirmação desoladora de que não tinha sido possível chegar a qualquer conclusão satisfatória. De qualquer maneira, era o contacto que se restabelecia, o que permitiria novas conferências e contribuiria, pelo menos, para evitar uma rotura espectacular e imediata.

Com as diligências do embaixador Nomura, que pareciam destinadas a modificar o ambiente irrespirável em que estavam a decorrer as relações nipo-americanas, coincidiu a apresentação de um protesto japonês em Washington, contra o envio de peças de aviões e carburantes de procedência americana para o porto de Vladivostok. Tratava-se de impedir a chegada do auxílio norte-americano à U. R. S. S., empenhada já na guerra com o Reich, e, para isso, a diplomacia nipônica fazia táboa razea do pacto de amizade assinado, pouco tempo antes, em Moscovo, por Matsuoka e pelo comissário do povo, Molotov. Em Tóquio, o ministro dos Estrangeiros do gabinete Konoye, almirante Toyoda, fez representações nesse sentido junto do embaixador soviético, Smetanin, as quais não tiveram, porém, qualquer resposta satisfatória.

Em 28 de Agosto, o almirante Nomura era oficialmente recebido pelo presidente Roosevelt, junto de quem exprimiu o desejo do seu governo de iniciar uma política de apaziguamento. Foi este o ponto de partida para as negociações que se arrastaram entre os dois países, ao longo de três meses e que não produziram qualquer efeito. Os dirigentes norte-americanos haviam de se queixar, mais tarde, em seguida ao episódio de Pearl Harbour, de que essas negociações tinham constituído como que uma cortina de fumo por trás da qual os japoneses haviam concluído os seus preparativos militares.

(Continua)

7 DIAS DE CINEMA

(Continuação da pág. 6)

«Marianela» entrou na segunda semana de exibição. Quere isto dizer que o público ocorreu — e que o filme teve o êxito que merecia. De todas as películas espanholas exibidas até hoje, nas nossas telas, «Marianela» é, incontestavelmente, o melhor! Benito Perojo, o «veterano» realizador, pioneiro do cinema no país vizinho, conseguiu dar-nos uma versão da novela célebre de Perez Galdós, que tem o mérito de ser fiel e de não desiludir aqueles que idealizaram os cenários e as personagens, para além da letra de forma que os descrevia.

Além disso, encontrou em Mary Carrillo uma intérprete extraordinária, que soube desfazer-se tanto quanto a rubrica exigia, e mais do que o cinema normalmente consente, para viver a figura torturada dessa rapariga, simples e dedicada, que guia um cego e descobre, na cegueira dele, a felicidade — porque aos olhos dos que vêem nunca poderia parecer bonita... Quando um médico devolve às pupilas mortas a

luz perdida, Marianela parte deste mundo para sempre, porque sabe que o sonho de amor morrerá naquele despertar para a vida...

Intensamente romântico, o filme de Perojo comove, ainda hoje, as plateias. E, neste facto, está o melhor elogio que lhe poderemos fazer!

Com «Marianela», o cinema espanhol radicou o favor de que justamente vai gozando nas nossas plateias. E não deixa de ser consolador verificar, agora que «Ala-Arriba» e «Lobos da Serra» se vão exhibir em Espanha, e que as películas ali produzidas se projectam nas telas nacionais — que o intercâmbio luso-espanhol é um facto. E, para tanto, não se tornaram necessárias medidas especiais ou diplomas protectionistas. Os filmes ultrapassam fronteiras, são comprados e são exibidos — quando oferecem, mutuamente, pelas suas qualidades, as indispensáveis garantias de êxito. E neste caso se devem incluir as obras que as plateias portuguesas e espanholas vão ver — ou estão a ver.

LAURA ALVES

(Conclusão da página 13)

meira vez que me vi no «écran» — foi no «Pai Tirano» — ri tanto e achei tanta graça a mim própria, que você não imaginal...
— Portanto, quando eles quisessem...

—...eu cá estou!
O contra-regra já veio avisar a simpática vedeta. A entrevista tem como cenário um camarim do Maria Vitória e o palco chama-a. Atacam os final:

— Para terminar, Laura: não tem um episódio alegre da sua vida artística que possa contar aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada»?

Resposta pronta:
— Tenho, sim, e olhe que bem engraçado. Andava no Teatro do Povo. Desembarcámos numa aldeia de Trás-os-Montes. O povo observava-nos como se fôssemos bichos raros. Em dado momento, ouço dizer a uma garota, referindo-se a mim: «Esta menina é a que trabalha no arame, não é?» Resposta dum garoto que, com ela, nos olhava embasbacado: «Es maluca! Não vêes

que ela é muito gordinha e que não se segurava?»

A nossa curiosidade não se satisfaz. Outra pergunta, a última, definitiva e irrevogável, disparada à queima roupa:

— A Laura julga-se bonita ou feia?

— Feia, muito feia!

— E como pensa que os homens a julgam?

Já o contra regra deu o segundo aviso. O rôsto sério — e pela primeira vez severo — de Laura Alves, volta, enfim, a animar-se e os seus olhos gaiatos fulguram novamente. E responde:

— Assim... «girinha»...

Seguimo-la até ao palco. Despedimo-nos. E já a orquestra deu os primeiros acordes para a sua entrada em cena, quando se volta para nos perguntar ainda:

— Isso dos admiradores é verdade?

— Verdadíssima!

— Então diga-lhes que lhes envio uma grande beijo!

— Para cada um?

— Não! Por Deus, não me arranje sarilhos! Um beijo colectivo — para todos!

PIEADAE FERRAO

**PALAVRAS
CRUZADAS**

PROBLEMA N.º 55

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

HORIZONTAIS: 1 — Nome de mulher; Parente. 2 — Coisa (lat.); Pátria. 3 — Queda dos cabelos, por doença. 4 — Querido. 5 — Lavrar. 6 — Calhanda (pl.). 7 — Lígue; Deseje. 8 — Doença; Senhor.

VERTICAIS: 1 — Início de uma nova ordem de coisas; Velo das ovelhas. 2 — Doçura; Liga. 3 — Terno. 4 — Prato. 5 — Anagrama de cear. 6 — Regueira, para esgotamento de águas (pl.). 7 — Anda; Patrão. 8 — Agora; Existir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 54

HORIZONTAIS: 1 — Marau. 2 — Marimbe. 3 — Val; Axá. 4 — Ar; Og. 5 — Casamento. 6 — Ut; Ir. 7 — Mas; Eca. 8 — Sorteio. 9 — Soera.

VERTICAIS: 1 — Vacuum; 2 — Maratas. 3 — Mal; Sós. 4 — Ar; Ro. 5 — Rijaunte. 6 — Am; Er. 7 — Uba; Eia. 8 — Exótico. 9 — Agora.

Vida Mundial
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; **JOAQUIM PEDROSA MARTINS** — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. **DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:** Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



O HISTÓRICO ENCONTRO
DE CASABLANCA
NÊSTE NÚMERO: GRANDE REPORTAGEM GRÁFICA